

METODOLOGIAS ATIVAS NA DISCUSSÃO SOBRE VALORIZAÇÃO À VIDA COM DISCENTES DE UMA ESCOLA SERIDOENSE: RELATO DE EXPERIÊNCIA

DOI: 10.53524/lit.edt.978-65-84528-08-6/56

Vanessa Amancio da Silva

Bacharel em Serviço Social, Residência Multiprofissional em Atenção Básica - Universidade Federal do Rio Grande do Norte
amanciovanessa318@gmail.com

Gleiciane Ingrith Lins De Morais

Bacharel em Psicologia, Residência Multiprofissional em Atenção Básica - Universidade Federal do Rio Grande do Norte
gleicianeingrith@gmail.com

Maria Emanuele do Rego Santos

Bacharel em Serviço Social, Residência Multiprofissional em Atenção Básica - Universidade Federal do Rio Grande do Norte
emanuelersantos@gmail.com

Myria Juscilania Maraço Silva

Bacharel em Psicologia, Residência Multiprofissional em Atenção Básica - Universidade Federal do Rio Grande do Norte
myriamaraco84@gmail.com

Resumo

Introdução: A pandemia de COVID-19 e seus diversos efeitos configuram-se como fatores de agravamento no que se refere a problemáticas que afetam a saúde mental da população, em especial aos adolescentes. A necessidade de isolamento social provocou o fechamento de diversos espaços de socialização desse público, tornando-os ainda mais vulneráveis à dependência virtual, reclusão e exposição a conteúdos não saudáveis. **Objetivo:** Este trabalho tem como objetivo relatar a experiência de uma intervenção realizada por profissionais do Programa de Residência Multiprofissional em Atenção Básica da UFRN, na cidade de Caicó/RN, com adolescentes de idades entre 14 e 16 anos de uma escola da rede pública de ensino. **Métodos:** Visou-se promover momentos de escuta e diálogo sobre saúde mental, englobando a valorização à vida, reconhecimento de redes de apoio, bem como apresentação dos dispositivos que compõem as redes de saúde e socioassistencial do município. Para a realização da intervenção e alcance dos objetivos propostos, fez-se necessário a utilização de Metodologias Ativas como Roda de Conversa e Estudo de Caso. **Resultados e Discussão:** Ao fim da intervenção, foi percebido um resultado positivo por parte dos adolescentes que relataram entender a importância de construir e reconhecer sua rede de apoio, a busca de ajuda para si quando necessário, além de se colocarem como um ponto de apoio para os colegas quando percebessem que estes precisam de ajuda. **Conclusão:** Discussões sobre saúde mental e redes de apoio se mostram de extrema relevância frente aos impactos da pandemia de COVID-19 no contexto social, econômico e político vivenciado. Além disso, ao se inserir estas discussões no interior de grupos geracionais, como os adolescentes, torna-se possível perceber as potencialidades que orientações e gestos de acolhimento proporcionam para o enfrentamento de uma fase da vida tão preenchida por incertezas, curiosidades e transformações.

Palavras-chave: Adolescência; Saúde Mental; Valorização à vida; Metodologias Ativas.

Eixo Temático: Saúde e Ciclos de Vida

E-mail do autor principal: amanciovanessa318@gmail.com

1 INTRODUÇÃO

A Organização Mundial da Saúde (OMS) define como adolescentes as pessoas com idades entre 10 e 19 anos. Esse período é marcado pela transição para a vida adulta, onde transformações físicas, emocionais e sociais possuem potenciais interferências em seu estado de saúde mental. Esses impactos podem, ainda, ser agravados por manifestações da questão social que colocam esse grupo em situação de vulnerabilidade frente ao adoecimento mental, tais como a exposição à pauperização, violências, discriminação de gênero, raça e orientação sexual, e outras (MONTINI, 2017).

A saúde mental sofre influência de diversos fatores, dessa forma, sua promoção demanda uma condução intersetorial articulada entre diversas políticas públicas, como a Educação e a Saúde. O Programa Saúde na Escola (PSE), instituído pelo Decreto Presidencial nº 6.286, de 5 de dezembro de 2007, configura-se, na Atenção Primária à Saúde (APS), como uma importante estratégia de promoção de saúde, cidadania e direitos humanos direcionada ao público jovem por meio de ações multiprofissionais que envolvem educação em saúde e intervenções psicossociais.

Nesse sentido, o bullying e a violência nas escolas tornaram-se grandes problemas que pais, educadores, governos e toda a sociedade precisam enfrentar. De acordo com a Lei nº 13.185/2015, também denominado de intimidação sistemática, é considerado bullying todo os atos de violência física e/ou psicológica praticado de forma intencional ou repetitiva que “ocorre sem motivação evidente, praticado por indivíduo ou grupo, contra uma ou mais pessoas, com o objetivo de intimidá-la ou agredi-la, causando dor e angústia à vítima, em uma relação de desequilíbrio de poder entre as partes envolvidas” (BRASIL, 2015).

Estudo realizado pela Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar (PeNSE), realizada em 2019 e divulgada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

(IBGE) em 2021 revela que aproximadamente um em cada dez adolescentes já se sentiu ameaçado, ofendido e humilhado em redes sociais ou aplicativos. As agressões existem também fora da internet, nas escolas, onde 23% dos estudantes afirmaram ter sido vítimas de bullying. Quando perguntados sobre o motivo de sofrerem bullying, os três maiores motivos foram aparência do corpo, aparência do rosto e cor ou raça. Em relação à saúde mental dos estudantes, metade diz se sentir muito preocupado com as coisas comuns do dia a dia.

Esse cenário, de acordo com a PeNSE (2021), pode ter se intensificado com o advento da pandemia de COVID-19. Na contemporaneidade, a pandemia e seus efeitos configuram-se como um fator de agravamento no que se refere a problemáticas que afetam a saúde mental desse público. A necessidade de isolamento social, por exemplo, provocou o fechamento de diversos espaços de socialização de adolescentes, dentre eles escolas, shoppings e outros setores de lazer. Dessa forma, esse grupo de pessoas passou a ficar mais tempo restrito ao ambiente doméstico, o que potencialmente pode aumentar a busca por jogos virtuais e acesso às redes sociais, tornando-os vulneráveis à dependência virtual, reclusão e exposição a conteúdos não saudáveis. Outro importante fator acrescido pelo isolamento social com efeitos na saúde mental é o impacto econômico enfrentado por diversas famílias, como desemprego, inflação, aumento no consumo de energia e mais, que podem desencadear conflitos intrafamiliares e insegurança nos adolescentes (MARQUES *et al.*, 2020).

Diante desse contexto surge a necessidade de ampliar a discussão e escuta sobre saúde e adoecimento mental, com o objetivo de fortalecer os adolescentes e abordar sobre a necessidade de cuidados neste âmbito da vida. É importante compreender que a adolescência é uma etapa do desenvolvimento humano marcada por mudanças biológicas, físicas e emocionais, assim, conhecer os indicadores e fatores que estão associados a esta fase constitui um passo significativo para contribuir com a promoção de saúde mental nessa faixa etária.

Profissionais da saúde, educação e familiares necessitam de preparo para saber lidar com a problemática como algo real, evitando acreditar no pensamento retrógrado do silêncio que conduz à negação ou minimização do problema (MELO *et al.*, 2018). Faz-se necessário refletir sobre estratégias como criar espaços para uma melhor compreensão dos estudantes a respeito da fase da adolescência, estimulá-los a tomar decisões e a se sentirem capazes de solucionar conflitos que surgem no

decorrer da vida, tal problemática é tarefa de toda a comunidade escolar (TEIXEIRA, 2002, apud MELO *et al.*, 2018).

Considerando o contexto pandêmico que envolve o retorno das aulas presenciais no município de Caicó/RN, bem como a campanha Setembro Amarelo que visa a discussão sobre saúde mental e valorização à vida, percebeu-se a necessidade de ações educativas à nível de PSE que envolvessem acolhimento, escuta e orientação aos discentes da rede municipal de ensino de forma a minimizar os impactos causados pela pandemia de COVID-19 no ambiente escolar.

Esse trabalho é produto de uma intervenção realizada por profissionais do Programa de Residência Multiprofissional em Atenção Básica (RMAB), da Escola Multicampi de Ciências Médicas da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (EMCM/UFRN) na Escola Estadual Zuza Januário, localizada no bairro Barra Nova, em Caicó/RN, com discentes de duas turmas de 9º ano, com idades entre 14 e 15 anos. O momento teve como objetivos explicar a reflexão sobre a valorização à vida, promover discussão sobre rede de apoio e apresentar os dispositivos sociais que compõem a rede de saúde e socioassistencial do município.

2 MÉTODOS

Como caminho metodológico para alcance dos objetivos propostos, fez-se necessário a utilização de Metodologias Ativas como Roda de Conversa e Estudo de Caso para promover dinamicidade ao momento, priorizando o exercício da autonomia e participação dos estudantes ao longo da discussão.

Estabeleceu-se como público-alvo da ação descrita neste trabalho os discentes de duas turmas do 9º ano da Escola Estadual Zuza Januário, localizada no bairro Barra Nova, em Caicó/RN. Metodologicamente, a escolha por esta unidade de ensino deu-se por conveniência pois ela localiza-se em um território que recebe cobertura das duas equipes de matriciamento da Residência Multiprofissional em Atenção Básica da EMCM/UFRN, a intervenção foi motivada através da disciplina de Metodologias Ativas, componente do eixo teórico do RMAB.

Por meio de Roda de Conversa e Estudo de Caso foi possível enfatizar a priorização de estratégias centradas na interação, que de acordo com Peres *et al.* (2014) se configura como um modelo em que não há sobreposição entre os

aspectos que estão no centro da discussão, pois todos tem sua determinada importância enfatizada. No modelo centrado na interação ainda se destacam como objetivo: a troca de conhecimento entre os participantes, a valorização das técnicas de interação utilizadas durante os momentos formativos e a construção de um produto, o qual seria o saber coletivo desenvolvido pelos participantes, que são identificados como sujeitos autônomos e ativos ao longo de todo o processo.

O momento teve como discussão central a valorização da vida e a identificação de redes de apoio na promoção de saúde mental no ambiente escolar. Para tanto, fez-se necessário a realização de uma Roda de Conversa e a utilização de material de escritório (lápiz, papel ofício, canetinhas) cedidos pela Escola e 2 folhas de isopor para a implementação das Metodologias Ativas propostas.

A ação seguiu todas as orientações de segurança previstas pela Portaria Nº 1.565/2020 (BRASIL, 2020) que visa à prevenção, ao controle e à mitigação da transmissão da COVID-19, dessa forma, a ação aconteceu em uma sala da Escola com portas e janelas abertas, com profissionais e estudantes fazendo uso de máscaras e higienizando as mãos com álcool em gel e líquido todas as vezes em que se fez necessário a interação ou compartilhamentos de materiais.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir da compreensão de que o Setembro Amarelo deve ser concebido também como um período importante para o fortalecimento de informações e promoção de momentos de discussão sobre a Saúde Mental como um todo, verificou-se a necessidade de realizar atividades com a finalidade de promover à discussão acerca de saúde mental, fortalecimento de vínculos e rede de apoio com adolescentes que são alunos da rede pública de ensino da cidade de Caicó/RN, como estratégia para promover acolhimento e orientações a tais discentes considerando o contexto de readaptação ao ambiente escolar.

Dessa forma, profissionais Assistentes Sociais e Psicólogas do Programa de Residência Multiprofissional em Atenção Básica (EMCM/UFRN) realizaram na Escola Estadual Zuza Januário, intervenção com alunos matriculados no 9º ano da unidade educacional, com idades entre 14 e 16 anos.

A ação teve início com recepção e boas-vindas aos alunos, apresentação das profissionais que, em seguida, convidaram os participantes a se apresentar falando o nome, idade e como se sentiam em relação a volta às aulas presenciais, colocando seus anseios e expectativas. Logo após as Residentes falaram sobre a proposta da ação que seria conversar com eles sobre o objetivo da campanha do Setembro Amarelo, enfocando a valorização à vida e a importância do cuidado com a saúde mental. Dando continuidade, discorreu-se sobre a valorização à vida, mitos a respeito da saúde mental e dificuldades que as pessoas em adoecimento mental enfrentam, destacando a relevância sobre buscar ajuda. Após isso deu-se início ao diálogo com os adolescentes sobre rede de apoio e foram lançadas as perguntas: “Vocês já ouviram falar sobre rede de apoio?”, “Sabem o que é rede de apoio?”. Alguns alunos sentiram-se à vontade para responder as perguntas e, entre as respostas, estavam: “não conheço, nunca ouvi falar”, “são pessoas que podem ajudar?”, o que demonstra o pouco conhecimento sobre o assunto.

Figura 1. Roda de conversa com adolescentes.



Fonte: Autoras, 2021.

Dessa forma, as Residentes falaram sobre a rede de apoio ser construída por pessoas com as quais os adolescentes mantêm vínculo de parentesco ou afetivo e que transmitem confiança, além ser abrangente, incluindo a escola, professores, pais, Unidades Básicas de Saúde entre outros. Após a explicação, os estudantes demonstraram compreensão acerca do conceito trabalhado e citaram como

componentes de suas redes de apoio diversos elementos como a família, amigos, esportes, estudo/leituras, entre outros.

Dando continuidade ao momento, os alunos foram convidados a participar de uma técnica envolvendo a Metodologia Ativa de Estudo de Caso. As Residentes leram o seguinte caso fictício: “João, 14 anos de idade, sofria bullying na escola. O colega que o estava fazendo sofrer tal violência o perseguia e amedrontava, fazia comentários maldosos, pegava seus lápis e pertences e destruía-os. João, mesmo com medo, teve a iniciativa de falar para a professora sobre a violência que estava sofrendo. A professora teve uma conversa com o colega que estava praticando os atos de bullying e este parou com as violências contra João. Porém, João continuou sofrendo as consequências do bullying, sentia-se inseguro e ansioso e passou a não querer mais ir para escola, prejudicando assim seu desempenho e suas notas, João não sabia o que fazer para se sentir melhor.”

Após ouvir o caso, os adolescentes foram convidados a dividirem-se em trios para refletir acerca do caso e elencar estratégias para ajudar o adolescente envolvido na situação a partir da pergunta disparadora: “Se João estudasse nessa escola, de que forma você acha que poderia ajudá-lo?”. Inicialmente, alguns discentes sentiram dificuldade em formular essas estratégias e solicitaram ajuda aos residentes para entender melhor a proposta. Após explicação, os alunos conseguiram conversar entre si, nos pequenos grupos, e desenvolveram suas próprias propostas de resolução. Dentre as proposições, citaram como formas de ajudar João a prática de esportes, ouvir músicas e ler, frequentar espaços de socialização para conhecer novos amigos, conversar com familiares e professores, bem como buscar ajuda profissional em algum dispositivo da rede de saúde.

Figura 2. Construção do material de intervenção.



Fonte: Autoras, 2021.

Por fim, foi questionado aos participantes se alguém gostaria de ler o que construíram em grupo e, após algumas leituras, os alunos foram convidados a construir um mural com todas as estratégias de resolução que haviam elencado para a situação de João. Foi solicitado que os jovens discentes propusessem um nome para o mural, que acabou sendo nomeado como “Mural da Paz contra o Bullying” e fixado em uma das paredes que se situam na entrada da escola. O objetivo da exposição do mural foi despertar o estímulo visual dos demais alunos para algumas estratégias do que fazer quando precisar de ajuda, proporcionando assim um espaço de acolhimento e construção coletiva entre os alunos que participaram da roda de conversa e os demais integrantes da escola.

Figura 3. Exposição do material final da intervenção.



Fonte: Autoras, 2021

4 CONCLUSÃO

A campanha do Setembro Amarelo traz em seu escopo a importância de se trabalhar a valorização da vida e a saúde mental da população. Sabe-se que a adolescência é um período de transição em que o indivíduo já passou da fase da infância e está formando sua identidade enquanto adulto, muitas vezes cercado de incertezas, dúvidas e sentimentos que não são compartilhados, podendo trazer sofrimento ao adolescente. Sendo assim, este trabalho buscou relatar uma intervenção realizada com alunos de 9º ano de uma escola do município de Caicó, com idades entre 14 e 15 anos, que visou proporcionar espaço de fala e discussão sobre a rede de apoio desses discentes, além de reforçar a existência dos dispositivos da saúde e socioassistencial existentes no município que podem servir de locais de ajuda quando necessário.

No fim da intervenção, foi percebido um resultado positivo por parte dos adolescentes que relataram entender a importância de uma rede de apoio bem estruturada, a busca de ajuda para si, quando necessário, além de se colocarem como um ponto de apoio para os colegas quando percebessem que precisam de ajuda. Nesse sentido, percebe-se a relevância de se proporcionar mais espaços acolhedores e de discussão para os adolescentes, sendo este um estímulo para que outras intervenções sejam realizadas também em mais turmas e mais escolas do município.

REFERÊNCIAS

MARQUES, E. S. *et al.* A violência contra mulheres, crianças e adolescentes em tempos de pandemia pela Covid-19: panorama, motivações e formas de enfrentamento. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 36, n. 4, p. e00074420, abr. 2020.

MELO, H. M. S. *et al.* A escola como espaço de cuidado: relatos sobre prática de prevenção ao suicídio e valorização à vida. **Atena Editora**, Ponta Grossa (PR), v. 1, n. 1, p. 1-15, jan. 2018.

MONTINI, P. M. **O período de transição entre a infância e a vida adulta dos ciganos Calon**: considerações sobre a adolescência, 2017. 154 f. Dissertação

(Mestrado). Pós-Graduação em Psicologia. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.

PERES, C. M. *et al.* Abordagens pedagógicas e sua relação com as teorias de aprendizagem. **Medicina (Ribeirão Preto)**, Ribeirão Preto. v. 47, n. 3, p. 249-255, jun. 2014.